

João ficou cada vez mais doente. Sua febre à noite disparava, mas alguém havia roubado seu termômetro, então ele não conseguia saber a leitura exata. Julgando pelo seu frio relativo à noite, mesmo quando usava três pares de calças ou moletoms e uma camisa, suéter e jaqueta de inverno com capuz (que ele, na maior parte, manteve por três semanas), ele imaginou que estava bem acima de 39,0°C (102,2°F).

A Doutora Venegas, uma senhora gentil e cortês, examinou João pela primeira vez no dia 23 e depois a cada cinco ou seis dias. Ela escutou o nível de catarro em seus pulmões e tosse e o diagnosticou com pneumonia, pela qual lhe deu sete dias de antibióticos fortes, depois aumentados para treze dias. Ela também supôs que sua dor intestinal nas áreas do rim e testículos provavelmente era uma pedra no rim. Ele recebeu medicamentos para dor e duas pílulas destinadas a reduzir a febre.

Tudo isso também reduziu seu apetite. Mesmo a ideia de comida era repugnante, e após três semanas comendo menos de quinhentas calorias por dia, ele havia perdido dois furos do cinto e talvez dez a quinze quilogramas. (Uma vez de volta ao 118, ele descobriu que sua massa muscular havia estado se deteriorando. Ele só conseguia fazer metade das repetições de supino que conseguia fazer pouco antes de entrar no 109.)

Três noites durante o final de junho (entre as visitas médicas), João pensou que estava perto da morte. Ele não conseguia respirar bem e às vezes nem um pouco, acordando-o enquanto seu cérebro lutava para levar oxigênio aos pulmões. Era horrível ficar deitado sozinho na cela fria e escura com a morte batendo à porta. Ele fez o teste de Covid-19, mas não soube que era positivo por seis dias, mas o coronavírus cobrou seu preço nesse meio tempo. Portanto, as três novas doenças, além de sua hipertensão, resistência à insulina, diverticulite, hipotireoidismo, deficiências hormonais e ligeira degeneração macular (todas sendo controladas ou tratadas com medicação), fizeram João de longe o mais doente dos cerca de sessenta detentos em quarentena no 109.

Apenas duas vezes durante sua estadia de quase um mês no 109 ele comeu uma refeição preparada da prisão. E outros presos estavam tão repelidos quanto ele pela comida. Ninguém queria dividir beliche com João. Eles literalmente o evitavam como a praga, especialmente Mauricio 1, Ricardo 1 e Helmut 1. O gendarme Lebuy às vezes entrava e comentava ou exclamava o quão mal João parecia.

Era sério, e João sabia que quando tinha que dizer conscientemente ao seu cérebro para fazer seus pulmões respirarem (já que não estava acontecendo automaticamente, às vezes por mais de uma hora), ele estava em mau estado. Ele tinha uma tosse forte, garganta arranhada, diarreia, vômitos ocasionais, febre, falta de ar, dores musculares e quase nenhuma energia para fazer qualquer coisa. Levantar-se para acender a luz era uma tarefa (imaginem quanto mais descer quatro lances de escada e subir de volta quando o médico chegava!). Sua esposa havia contrabandeado um termômetro novo na base de papelão da sacola de comida que chegou cinco dias depois de João chegar ao 109. Assim, ele agora tinha que se levantar para acender a luz que Helmut 1 improvisou para ler o termômetro. Matar insetos também era um fardo. A vida era difícil.

Dado o ambiente sujo e desumano no qual havia sido jogado, era quase um milagre que ele sobrevivesse. De fato, João tomou isso como um sinal de que Deus estava com ele e ainda tinha um propósito a cumprir na vida. Após duas ou três semanas, ele começou a ganhar vantagem sobre suas doenças. João teve o celular de Mauricio 1 durante a maior parte das primeiras duas semanas. O sinal era tão ruim que na maior parte do tempo ele não conseguia fazer uma ligação, e as mensagens do WhatsApp levavam de dez minutos a cinco horas para serem enviadas. Mas ele estava grato por poder se comunicar com sua esposa, filhos, amigos e outros cristãos. Todos estavam compreensivelmente muito preocupados com ele e o ambiente perigoso em que estava. No entanto, Mauricio 1 queria seu telefone de volta, para não ter que continuar pegando emprestado o de Helmut 1 (que também era seu companheiro de cela do 109, junto com Ricardo 1). João concordou.